

IGREJA  
LUSITANA  
CATÓLICA  
APOSTÓLICA  
EVANGÉLICA

# O novo despertar

PARA UMA IGREJA DE PARTILHA E MISSÃO

PUBLICAÇÃO TRIMESTRAL

DEZEMBRO 2014

€1.25

Nº 164/165



**S. NICOLAU** O VERDADEIRO PAI NATAL

**TESTEMUNHOS** DE NATAL

A IGREJA TEM **NOVO PRESBÍTERO**

DESAFIOS E FUTURO **DA COMUNHÃO ANGLICANA**

**O PACTO BATISMAL** E MISSÃO DA IGREJA

# Editorial

## «Até que a morte nos separe .....»

De ano para ano, cada vez mais Igrejas e dioceses anglicanas em toda a Comunhão procuram quebrar o silêncio, desafiar preconceitos e comprometer homens e mulheres em ações que previnam e coloquem um fim à violência de género. Estes esforços ganham uma expressão mais visível e comprometida na campanha internacional <sup>1</sup> «16 dias de ação contra a violência de género» que anualmente se realiza entre 25 de Novembro (Dia internacional para a eliminação da violência contra as mulheres) e 10 de Dezembro (Dia dos Direitos Humanos). O princípio desta campanha que mobiliza Igrejas e cristãos em todo o mundo é o de que prevenir e por fim a esta violência que afeta particularmente mulheres no contexto da violência doméstica é trabalho e responsabilidade não só de mulheres como de homens, rapazes e raparigas. Só juntos poderemos dar um testemunho da nossa fé cristã que afirma que homens e mulheres são criados à imagem de Deus. Somos filhos e filhas de Deus, igualmente preciosos e amados.

As Nações Unidas definem a violência contra as mulheres como «qualquer ato de violência baseado no género que resulta em, ou está prestes a resultar, em dano sexual ou mental ou sofrimento para a mulher, incluindo ameaças de tais atos, coação ou privação arbitrária da liberdade, quer ocorra em público ou na vida privada». Numa carta dirigida às Igrejas os primazes da Comunhão Anglicana referem que as Igrejas devem aceitar a sua responsabilidade no perpetuar de atitudes opressivas na sociedade para com as mulheres e raparigas. Devem as Igrejas em penitência e fé caminhar no sentido de se tornarem um testemunho vivo da crença de que ambos homens e mulheres são criados à imagem de Deus.

A sociedade Portuguesa no seu todo confronta-se hoje com este drama. No nosso país o número de mulheres assassinadas e o das que sofrem qualquer outro tipo de violência é alarmante. As causas são diversas e paradoxalmente aquela que constitui uma promessa de amor e um compromisso perante Deus no casamento, transforma-se por deturpadas razões culturais numa justificação para a prática de hediondos atos.

É um problema transversal que não conhece fronteiras ou classes sociais e que tem que mobilizar todas as forças vivas e nelas as Igrejas. Ignorá-lo por desconhecimento ou preconceitos culturais é pecado. O movimento Ecuménico em Portugal sustentado na fé e nos valores cristãos deve-se empenhar no sentido de promover a reconciliação e a defesa das vítimas de violência promovendo a justa comunhão entre homens e mulheres, no seio da Igreja e na sociedade. É um drama demasiado grande para ser enfrentado separadamente pelas Igrejas.

No final de 2014, são já cerca de 50 as mulheres assassinadas e milhares as vítimas de violência doméstica em Portugal, nas quais se incluem também os homens. Silenciar ou esquecer este drama não permite honrar a memória destas vítimas, mulheres, homens e crianças, filhas e filhos de Deus, iguais a todos, na dignidade que lhes assiste e no amor a que têm direito. Sustentado nas palavras de Jesus : «Bem-aventurados os pacificadores, porque serão chamados filhos de Deus» (Mt 5,9), que cada leitor(a) assuma o compromisso de ser bem-aventurado aos olhos de Deus contribuindo para a erradicação deste flagelo.

1. <http://16dayscswgl.rutgers.edu/>

O Diretor

## Assine já! O Novo Despertar digital

registre-se em [www.igreja-lusitana.org](http://www.igreja-lusitana.org) para receber a newsletter.

faça um gosto: [www.facebook.com/igreja-lusitana](http://www.facebook.com/igreja-lusitana)



### Ficha Técnica

**Entidade Proprietária:** Igreja Lusitana Católica Apostólica Evangélica **Director** - D. Jorge Pina Cabral **Administração** - Rev. Sérgio Pinho Alves **Equipa Redactorial** - D. Jorge Pina Cabral, Rev. Sérgio Alves, Dr. António Manuel Silva **Colaboradores neste número:** Pastor Jorge Barros, Joana Pina Cabral, D. Fernando da Luz Soares, Catarina Sá Couto, Cónego Jim Rosenthal, António Vaz Pinto, Maria Carlos Costa, Manuel Guedes Vieira, Rev. José Manuel Cerqueira, D. Pierre Whalon, José António Afonso **Redacção:** Centro Diocesano, Rua Afonso Albuquerque, 86 Apartado 392 4431-905 V. N. de Gaia Tel: 223 754 018 - Fax: 223 752 016 **E-mail:** [centrodiocesano@igreja-lusitana.org](mailto:centrodiocesano@igreja-lusitana.org) **Web:** [www.igreja-lusitana.org](http://www.igreja-lusitana.org) **Tiragem:** 750 Exemplares **Periodicidade:** Trimestral Isenta de registo na ERC ao abrigo do Dec. Regulamentar 8/99 de 9/6, artº 12, nº1A **Depósito Legal:** 251930/06 **NIPC:** 592003159 **Impressão:** Greca. O Novo Despertar é um órgão oficioso da Igreja Lusitana, editado pelo Sínodo Diocesano. O seu conteúdo pode ser reproduzido desde que seja citada a origem. As opiniões expressas são da responsabilidade dos seus autores e não representam necessariamente a posição da Igreja Lusitana. **Assinatura Individual Anual Nacional:** 10€ **Assinatura Individual Anual Internacional:** 15€ **Assinatura Benemérito:** 15€ **NIB:** 0033 0000 00005468868 81 **(Millennium BCP) Capa:** Figura de S. Nicolau com o Sr. Arcebispo de Cantuária na celebração anual do dia de S. Valentim na Diocese de Cantuária.



## Olhares e vozes de crianças que nos interpelam no Natal de Jesus

Bispo Diocesano Jorge Pina Cabral

*Se não se transformarem e não se fizerem como crianças, garanto-vos que não entram no reino dos céus (Mateus 18, 3)*

Sabendo que os evangelhos não são biografias da vida de Jesus percebemos a razão pela qual são omissos relativamente ao período da sua infância. Com efeito, os evangelhos foram escritos muitos anos depois da morte de Jesus (o de Marcos que é o mais antigo foi escrito cerca do ano 70) com o propósito de apresentar a sua pessoa e obra como Messias (Mc 8,29), Filho de Deus (Mc 1,1), Filho de David (Mt 1,1), Senhor (Mt 12,8) e Emanuel-Deus conosco (Jo 10,30). Centram-se assim no ministério público iniciado por Jesus por volta dos seus 27 anos e partem dos acontecimentos da sua paixão, morte e ressurreição. Mesmos os chamados evangelhos da infância de Lucas 1-2 e Mateus 1-2 não são propriamente relatos de história factual, mas antes da história da salvação.

Estes dados contudo, não nos devem fazer esquecer o facto de que Jesus viveu uma infância em Nazaré (Lc 4,16) como a de qualquer outra criança, inserido num determinado contexto familiar, social e religioso que o foi marcando nas suas diferentes vivências e apurando naturalmente a sua compreensão da vida e da sua vocação. O que somos em adultos deve-se muito às experiências e vivências da nossa infância, particularmente as mais exigentes sejam elas alegres ou tristes. E se queremos respeitar a humanidade de Jesus deveremos também respeitar a sua infância, que embora por nós desconhecida, não deixou certamente de influenciar o seu ministério enquanto adulto.

No nosso mundo de adultos, ditos responsáveis e conhecedores de tudo, esquecemo-nos facilmente do mundo das crianças, por muitos considerado secundário, ingénuo e apenas uma fase a percorrer. Antoine de Saint-Exupéry já nos alertava para esta realidade quando no prólogo do seu livro «o Príncipezinho» escreveu: «Todas as pessoas crescidas começaram por ser crianças. Embora poucas se recordem disso».

Na fidelidade ao Deus-menino, que o Natal sempre nos revela, guardo comigo o olhar triste e profundamente interpelador de duas crianças chorando a morte da mãe, vítima de um bombardeamento na guerra civil na Síria. Guardo também as vozes «escritas» das crianças portu-

guesas, chamadas a pronunciarem-se sobre o impacto da crise económica nas suas vidas, conforme consta do importante relatório recentemente editado pela unicef – Comité Português<sup>1</sup>. Olhares e vozes que se cruzam sobre uma mesma realidade humana e que nos surpreendem pela sua profundidade e clarividência.

**“A renovada celebração do Natal do menino Jesus, comporta este renovado apelo divino de nos assumirmos como crianças perante Deus”**

Perceções e análises da vida e da crise que revelam uma consciência apurada das dificuldades do quotidiano e exprimem apesar de tudo um testemunho de esperança no meio das dificuldades. As crianças não são mais espectadores passivos da realidade, dado que, pela dinâmica das circunstâncias se tornaram já, sem dúvida, intervenientes na construção do seu próprio futuro.

O velho adágio «cresce e aparece» tornou-se 25 anos após a declaração dos Direitos da Criança, na mobilizadora exortação «aparece, e cresceremos juntos». Crescer enquanto adultos na redescoberta da inocência e da pureza infantil, e no assumir sem vergonha da esperança e da alegria presente em cada criança. Guardando a experiência da vida, deveremos assumir de novo o que de mais profundo e belo trazemos da nossa infância, e tudo aquilo, que é muito, que as crianças do nosso tempo nos querem oferecer.

A renovada celebração do Natal do menino Jesus, comporta este renovado apelo divino de nos assumirmos como crianças perante Deus, na nossa necessidade permanente do Seu amparo e proteção. Mas comporta igualmente a necessidade de nos olhares e vozes das crianças do nosso tempo percebermos a presença do Deus menino, que por ser menino não deixa de ser Deus.

Um Santo e Feliz Natal na (re)descoberta do menino Jesus e do menino que existe em cada um de nós.

+ Jorge

1. As Crianças e a Crise em Portugal - Vozes de Crianças, Políticas Públicas e Indicadores Sociais, 2013, [www.unicef.pt](http://www.unicef.pt)



Participantes no campo de férias

## Recordando... a criação do DMIL

Com a aprovação dos estatutos (por unanimidade e aclamação) que se verificou em reunião Sinodal de 1992, ficou criado o DMIL-Departamento das Mulheres da Igreja Lusitana.

Ao longo deste período, desde 1992 até 2014, muitas foram as acções que as mulheres da igreja desenvolveram, não só ao nível das comunidades em que estão inseridas, mas também no âmbito Diocesano.

Quando se fala da relação Mulher/Igreja, deve-se encará-la não como um princípio tradicionalmente estabelecido, mas tratando-se de um dom espiritual.

É através desse dom que se adquire a experiência de atender e cuidar do próximo, de saber escutá-lo, de humanizar a própria sociedade e de procurar formas de estar e de agir, dentro e fora da igreja.

É pela voz de Jesus, que ressoa na intimidade de cada mulher, que esta manifesta a disponibilidade para o Seu serviço e testemunha o Evangelho pela acção do Espírito Santo, com uma resposta actuante e positiva ao Seu chamamento.

Foi deste jeito de encarar a missão das mulheres, que a direcção do DMIL organizou e levou a efeito durante vinte anos ininterruptos, os campos de férias destinados aos membros séniores da Igreja Lusitana, e também a amigos e familiares.

Iniciou-se esta actividade no ano de 1995, com apenas 18 participantes, mas durante os anos seguintes, a média passou para 30 e como curiosidade, o escalão etário daqueles que frequentaram estas férias, foi de 75 anos, abrangendo membros dos dois Arciprestados.

## O Vigésimo Campo de Férias do DMIL

Este ano o campo de férias do DMIL teve lugar na Fundação INATEL na Foz do Arelho, de 14 a 21 de Setembro de 2014.

O tema proposto para reflexão durante a semana, foi: "Deus é o nosso refúgio e fortaleza, socorro bem presente na angústia" (Salmo 46 vers.1)

Tal como em todos os campos de férias, viveram-se momentos de intimidade com Deus através de orações e cânticos, leitura da Sua Palavra, partilha de poemas e de experiências reais.

Estando o Bispo D. Jorge ausente do país nessa semana, esteve presente para celebrar a Sagrada Eucaristia e meditar sobre o tema do campo de férias, o Bispo Emérito D. Fernando. Também nesse culto se exaltou o 20º aniversário dos campos de férias, e se recordaram os participantes em anos anteriores, e que já se encontram na glória de Deus.

Vivenciaram-se oito dias extraordinários em alegria, em amor, repletos de atenção e de cuidados ao "outro".

Para tudo isto acontecer, teve influência o jogo do amigo secreto, (que já ninguém dispensa) e que contribui para um clima de união entre os participantes, não apenas os que já se conhecem, mas também aqueles que tomam parte nas férias pela primeira vez, sentindo-se acarinhados e inseridos de um modo particular.

Proporcionar férias a quem já não as pode fazer sózinho, significa ter em conta as condições logísticas próprias para as diferentes situações, organizar passeios ajustados, tanto pedestres como em autocarro, ter em atenção todos os factores de bem estar que as pessoas necessitam.

# VEM E SEGUE-ME S. Marcos 10, 17-22

Foi o lema e simultâneamente convite do XXV Campo de Férias da Igreja Lusitana, que acolheu resposta de 60 adolescentes acompanhados dos Monitores, durante 8 dias na Quinta da Fonte Quente, Tocha, de 3 a 10 de Agosto.

Diariamente os Estudos Bíblicos, os workshops, as tarefas os jogos e outras dinâmicas marcaram o ritmo que acima de tudo permitiu a relação interpessoal, a entreaajuda, a oração e descoberta da pessoa viva e maravilhosa de Jesus.

UNIDOS fomos capazes e audazes e permitimos que através de nós outros sentissem a Alegria pura e maravilhosa que brota do encontro com Jesus, aquele que é a Videira, que permanece e responde em todos os tempos e corações.

Que o nosso SIM possa persistir e permanecer como um ramo UNIDO à VIDEIRA e o FRUTO surgirá e será Bom. No Sábado, 9 de Agosto, realizou-se o Dia da Família com uma Celebração Campal, presidida pelo Bispo D. Jorge Pina Cabral que juntou num ambiente de convívio e louvor mais de 130 pessoas.



## Testemunho de uma monitora

*por Catarina Sá Couto*

Desde os meus doze anos frequentei as várias edições dos campos de férias da igreja lusitana. Olhando para trás reparo na importância que aquelas semanas de partilha e reflexão tiveram em todo o meu desenvolvimento enquanto pessoa, crescendo na fé. Sinto-me grata por todos aqueles que deram um pouco de si e contribuíram para este percurso.

Este ano foi-me proposto um novo desafio, ser monitora de grupo na XXV edição dos Campos de Férias – “Vem e Segue”. Todo o contributo que os Campos de Férias despertaram em mim, fizeram-me encarar este convite com imensa alegria mas igualmente com alguma responsabilidade. Como podia eu lançar a semente ou regar a fé num jovem e conseguir o que por mim outros fizeram?

Não sei se alcancei essa missão mesmo porque, tal como aconteceu comigo, e como reflectem as palavras sábias do nosso caríssimo coordenador e agora presbítero Sérgio Alves: “Temos de esperar que a semente cresça, a Palavra produz efeito por si a brotar dentro

de alguém, ainda que não se veja instantaneamente”. Na verdade a própria palavra ajudou-me a mim, em novas reflexões, e o ter de saber mais para explicar nos estudos bíblicos aos jovens no campo não deixou de me dar outros conhecimentos que posso aplicar na minha vida, conhecendo mais sobre Jesus, da entrega que ele nos convida a abraçar, permitindo-me lançar rede mais além. Já dei por mim a falar das envolvências da parábola dos talentos a pessoas que ainda não encontraram a fé na sua vida; sair à noite com os amigos e acabar a falar na parábola do homem rico como não tendo um significado literal mas que a pergunta poderia ser outra para cada filho de Deus consoante a sua individualidade e o que lhe é mais importante.

Ficam nos nossos corações, além das lições preciosas deste nosso melhor amigo Jesus, as recordações de uma semana incrível que contou para além das caras habitualmente conhecidas, com os colegas da igreja anglicana espanhola e com uma série de outros meninos nas quais a vida de algum modo nos fez cruzar.

Resta o abraço fraterno e a saudade que aperta. Um Viva a estes 25 anos de campos de férias da Igreja Lusitana, que se multipliquem e prosperem!



## Paróquia do Salvador do Mundo acolhe batizado

No Domingo 26 de Outubro de 2014, na Eucaristia Dominical presidida pelo Bispo D. Jorge Pina Cabral, coadjuvado pelo Revº Sérgio Alves, teve lugar o Batizado da menina Leonor Ferreira, de 2 anos de idade, filha de Filipe Chaminé Ferreira e Joana Martins, um casal jovem, na casa dos 30 anos, ambos emigrantes portugueses a trabalhar na área da restauração em Paris, França.

A Família de Filipe, conhecida como “Chaminé” esteve ligada à Paróquia durante décadas, quer na Escola Primária do Prado, quer na vida da Paroquial. Os encontros de preparação do Batizado foram orientados pelo Revº Sérgio Alves e permitiram uma boa formação acerca do significado do Batismo e suas implicações na vida da menina, dos pais e padrinhos. Foi interessante verificar o crescente interesse manifestado pelos pais, particularmente nas várias dúvidas apresentadas, algumas das quais, feitas via computador, dada a distância física.

O Templo estava cheio de familiares e amigos, excelente oportunidade de testemunho e evangelização, felizes por estarem a vivenciar um momento tão belo, que à luz da fé em Cristo, reveste-se de um significado muito profundo que envolve pais, padrinhos e comunidade no apoio e disciplina da vida e crescimento na fé da menina Batizada. Nesse sentido, muito contribuiu a homilia do Bispo D. Jorge, que a todos incitou ao compromisso ativo decorrente da condição de Batizados em Cristo.

Celebrar um Batismo é sempre motivo de festa e graças a Deus porque é sinal do crescimento da Igreja que continua sempre a Sua Missão.

## Uma linda homenagem a casal de Zeladores com 35 anos de serviço

Em boa hora a Junta Paroquial do Salvador do Mundo decidiu realizar uma homenagem ao casal de zeladores, D<sup>a</sup> Delfina Correia e Sr. Joaquim Correia, ambos octogenários, pelos 35 anos de serviço à Paróquia concretizados numa atitude de constante zelo e embelezamento das instalações da Igreja, que no caso da Paróquia, tem uma área considerável: templo paroquial, salão paroquial, salas anexas, onde funcionou a Escola do Prado e atualmente desenvolve atividade o Centro Social do Salvador do Mundo, grande pátio exterior e a casa dos zeladores.

A homenagem teve lugar no Culto Dominical de 9 de Novembro, e começou com uma mensagem de agradecimento feita pelo Revº Sérgio Alves, na qualidade de Presidente da Junta Paroquial, a que se seguiu a entrega de uma salva em prata com um extrato do Salmo 69, 9 “o zelo pela tua casa me consome(...)” atendendo ao exemplo fervoroso como ambos vivem o cuidar a Igreja e o bonito jeito como continuam a envolver os seus filhos e netos, em algumas das tarefas que, pela sua idade, já encontram algumas dificuldades.

Numa palavra emocionada dirigida à Comunidade o Sr. Joaquim disse: “estou a viver um momento muito feliz junto com a minha querida esposa e, quero que saibam, que a força que nos moveu até aqui ao serviço da Igreja continuará, com alegria renovada, até aos fim dos nossos dias, com muito amor a Deus e à Igreja”.

Atualmente em toda a Diocese somente existe este casal com o perfil típico de zelador, tendo em conta que, com o passar dos anos e a partida para a glória de Deus de muitos, as necessidades de trabalho executadas outrora pelos zeladores foram diminuindo e em alguns casos, mesmo acabando, levando assim à extinção desta figura.





## Culto “in memoriam” na Paróquia da Sagrada Família

A paróquia da Sagrada Família, por meio do seu Pároco e da Junta Paroquial, decidiu dedicar um domingo do mês de Novembro para celebrar a memória dos seus Párcos já falecidos.

Este ano foi escolhido o dia 2 de Novembro, e foi com a comunidade fortemente presente que celebraram este intenso e emotivo momento. Mais do que recordar no tempo estes dois servos da Igreja, a comunidade foi convidada pelo Rev. Fernando Santos a celebrar este culto como uma profunda manifestação de Acção de Graças ao nosso Deus, pela bênção que foram a vida deste grandes homens na construção e desenvolvimento da Paróquia. Apelou por isso a responsabilidade de cada um segunda a sua vocação na herança espiritual que cada um recebeu e no dever de prosseguir esta obra de Deus.

No final do culto foi simbolicamente depositada uma coroa de flores junto ao cruzeiro da Paróquia.

## Encontros Ecuménicos em Vila Franca de Xira

Com o início do novo ano pastoral reiniciaram-se semanalmente os concorridos encontros de oração entre a Paróquia Lusitana de S. Mateus e a Paróquia Católica Romana de S. Vicente. Todas as quintas-feiras pelas 19:00 as duas comunidades congregadas no templo da paróquia de S. Mateus, unem-se a Cristo na oração ao Pai: “Que eles seja um.” Estes encontros são pautado por cânticos, momentos de silêncio, finalizando sempre com o Pai Nosso e a oração pela Unidade dos Cristãos:

*Senhor Jesus, na véspera de morrer por nós,  
Oraste para que todos os teus discípulos fossem perfeitos na unidade, como Tu e o Pai.*

*Faz com que cada um de nós sinta a dolorosa infidelidade da nossa desunião.*

*Concede-nos Senhor a lealdade de reconhecer e a coragem de rejeitar o que tantas vezes está oculto em nós: a indiferença, desconfiança e até tantas vezes a mútua hostilidade.*

*Concede que nos encontremos em Ti, afim que as nossas almas e os nossos lábios elevem incessantemente a Tua oração pela unidade dos cristãos.*

*Tal como Tu a desejas, e pelos meios que forem da Tua vontade. Em Ti caridade perfeita, ajuda-nos a encontrar o caminho que conduz à unidade, obedientes ao Teu amor e à Tua vontade.*

*Ámen*



## Batizado do Rodrigo Filipe

A paróquia de S. Mateus escolheu como lema para o seu ano pastoral: “levanta-te e anda” – Do Batismo à Missão da Igreja. Foi por isso uma bênção para a comunidade paroquial celebrar no início desse ano pastoral o batismo de uma criança.

No passado dia 19 de Novembro foi batizado pública e solenemente o pequenino Rodrigo Filipe, filho de Nuno Cabral Simão Luís e de Magda Áurea Pereira Simão Luís. O pequeno rodrigo é neto paterno da Leitora e tesoureira da paróquia Maria Fernanda Cabral S. Luís.

O pároco recordou que em cada administração do Santo Batismo, todos nos tornamos responsáveis pelo novo membro que é acolhido da família da Igreja, mas também todos renovamos também a nossa condição de batizados com tudo aquilo que o mesmo implica: trabalhar na missão da Igreja.

Os nossos parabéns ao Rodrigo Filipe – bem-vindo à família da Igreja.

A Igreja tem um novo presbítero e a Paróquia do Salvador do Mundo um novo pároco. No passado sábado 22 de Novembro aquela paróquia gaiense reviveu um momento de alegria que já não se verificava há muito: a ordenação presbiteral de um jovem nascido e criado na fé naquela comunidade lusitana e a sua colação como pároco local.

Na verdade, Sérgio Filipe de Pinho Alves, 35 anos, foi batizado, confirmado, instituído leitor e ordenado diácono naquela paróquia, a cuja junta preside. No dia de Todos-os-Santos de 2012 recebeu as ordens diaconais durante o serviço de abertura do 94º sínodo diocesano que então se realizou no Salvador do Mundo, presidido por D. Fernando Soares.

O novo presbítero fez os seus estudos superiores na Faculdade de Teologia da Universidade Católica do Porto, licenciando-se em Ciências Religiosas. Na vertente secular, Sérgio Alves é sócio fundador de uma empresa de prestação de serviços e auditoria com 11 anos de atividade, onde é gestor, formador e faz auditorias a empresas. Depois de ter frequentado o curso de Direito, na Universidade Portucalense, fez uma Especialização em Inovação das Ciências do Trabalho na área da Auditoria e Qualidade, duas Pós Graduações, uma Segurança e Saúde no Trabalho e outra em Gestão e Prevenção, em que é mestrando.

Sérgio Alves é casado com Filipa Lopes e têm um filho de quatro anos, o João. Presidiu durante dez anos ao Departamento da Juventude e tem coordenado várias edições do Campo de Férias da Igreja para crianças e jovens. Colabora ativamente no Fórum Ecuménico Jovem e Grupo Ecuménico Jovem do Porto. Tem ainda ocupado diversas funções a nível diocesano, nomeadamente a representação da igreja na Comissão Ecuménica do Porto e o cargo de Tesoureiro da Diocese, colaborando também no Departamento de Comunicação. É atualmente tesoureiro da Direção do Conselho Português de Igrejas Cristãs.

A celebração eucarística em que teve lugar a ordenação presbiteral, que encheu o templo do Salvador do Mundo, foi presidida pelo Bispo D. Jorge Pina Cabral, coadjuvado pelo Bispo Emérito D. Fernando Soares e muitos Clérigos da Igreja. O serviço decorreu em ambiente de festa e natural solenidade litúrgica, para o que concorreu a participação do coro do arceprelado do norte.

Destaca-se também a presença de representantes das Igrejas Católica Romana, Metodista, Evangélica Alemã do Porto e Ortodoxa Russa, sinal do compromisso ecuménico e boa relação fraterna, bem como a participação de membros de diversas paróquias da Igreja e outras Instituições. No final do serviço todos puderam confraternizar num animado lanche oferecido pela paróquia.

Como sinal de carinho e muita alegria a Junta Paroquial ofertou ao novo Pároco 3 casulas e as Paróquias do Arceprelado do Norte juntaram-se e ofereceram um bonito estojo litúrgico para visitação aos doentes.



**“Peçam ao dono da seara que mande mais trabalhadores para a sua colheita”**

**S. Mateus 9,38**

Na sua homilia, sustentada no Evangelho proclamado de S. Mateus 9, 35-38, o Bispo Diocesano salientou a dimensão pastoral, profética e sacramental inerente ao ministério sacerdotal, referindo que qualquer uma delas será tanto mais valorizada na medida em que o ministro ordenado tiver a Cristo como modelo e se deixar guiar pela ação do Espírito Santo. D. Jorge referiu o ministério ordenado como um dom que se destina ao serviço dos homens e mulheres de cada tempo e lugar e particularmente a todos aqueles que andam desorientados e perdidos como ovelhas que não têm pastor. Salientando o sentimento de compaixão e a solicitude fraterna manifestada por Jesus, apelou a um testemunho sustentado na sensibilidade e na abertura ao lado belo e bom da vida e capaz de vencer com determinação as agruras quotidianas. Exortou ainda a Igreja no seu todo a saber orar com perseverança, pedindo a Deus que envie mais homens e mulheres para trabalharem na colheita abundante que está ao seu dispor. Terminou a homilia referindo a sua imensa alegria por esta ordenação.



# presbítero Sérgio Alves ordenado em ambiente de festa e louvor a Deus



**“ Sirvo um Deus feliz que a todos convida à felicidade”**



Neste momento importante da sua caminhada ao serviço de Deus na Igreja Lusitana, Sérgio Alves expressou ao ND a sua profunda alegria por servir a

Igreja como Presbítero e assim ser sinal do próprio Cristo nos dias de hoje, particularmente junto dos mais jovens. Disse que serve um Deus feliz que a todos convida à felicidade, não a efémera, mas a que se alicerça na plenitude bem vincada nas bem-aventuranças ditas diretamente por Jesus em S. Mateus 5, 3-12.

“Estou no meio de vós como aquele que serve” S. Lucas 22, 27, foi o versículo que o novo Presbítero escolheu como sustento da nova fase que se inicia em que o serviço aos Homens tem de caminhar a par do louvor a Deus e o testemunho a Cristo em todo e qualquer lugar.

A primeira celebração eucarística presidida pelo novo presbítero ocorreu na paróquia Salvador do Mundo no Domingo dia 23 de Novembro, 34ª Domingo Comum e Festa de Jesus Cristo Rei do Universo.

Como expressão de louvor a Deus e de felicitação ao novo pároco, foram lidos durante a celebração dois poemas da autoria de dois paroquianos. Deste modo se vai, desde já, construindo o sentido do caminhar comunitário com o novo Pastor.



## Comissão Permanente lança caminhos para 2015

Na sua reunião de 17 e 18 de Outubro passado, a Comissão Permanente da Igreja Lusitana, aprovou um conjunto de atividades a serem executadas no ano de 2015 no contexto do trabalho de Missão da Igreja. Estas atividades inserem-se no aprofundamento do tema Sinodal: «Do Batismo à Missão da Igreja» e no desenvolvimento das 5 linhas de Missão então apresentadas pelo Bispo Diocesano.

Entre as atividades aprovadas destacam-se: continuação a nível paroquial e diocesano do Projeto Esperança enquanto forma de apoio espiritual e material aos mais necessitados; lançamento do curso de catecumenado para jovens e adultos «O Peregrino» a ser desenvolvido nas paróquias e noutros espaços fora das Igrejas; realização de um encontro Internacional na Catedral de S. Paulo (Lisboa) de 26 a 27 de Junho 2015, celebrativo do 50º aniversário

da concordata de plena Comunhão com as Igrejas Velho-Católicas de Utreque ; organização de uma peregrinação ecuménica a Santiago de Compostela com as Igrejas pertencentes à Comunhão de Porvoo ; continuação no contexto da Campanha «Obrigado, Senhor!» da campanha dos Mealheiros com ênfase a ser colocada no envolvimento das crianças, jovens e famílias; organização do arquivo histórico diocesano; nova edição alargada do caderno de cânticos «Cantarei Teu Nome».

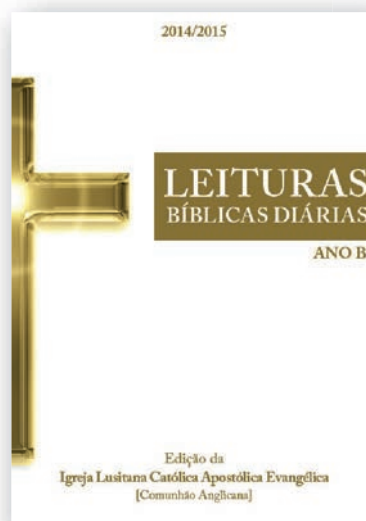
Estas e outras atividades de carácter diocesano estão contempladas no Orçamento da Igreja para o ano de 2015. O Orçamento aprovado prevê um resultado negativo de 5.128,96 € implicando deste modo todo o povo da Igreja e amigos no sentido da dádiva e mordomia para o trabalho de Missão da Igreja Lusitana.

## Já disponível Guião para as Leituras Bíblicas Diárias – 2014/15

No início de um novo ano eclesial, a Igreja Lusitana coloca uma vez mais, à disposição dos seus membros e público em geral, o guião para as leituras bíblicas diárias. Este lecionário é um forte instrumento disciplinador da vivência espiritual de cada crente dado que permite uma leitura ordenada da Palavra de Deus. Na introdução ao guião, o Bispo da Igreja Lusitana convida cada crente a uma leitura orante e diária da Bíblia, desejando que a mesma proporcione um encontro com a Palavra e através dela, um diálogo vivo e existencial com Deus. O lecionário diário apresentado sustenta-se no lecionário presente no «Book of Common Prayer» - Livro de Oração Comum da Igreja Episcopal dos Estados Unidos da América.

Este lecionário e o das leituras dominicais agora no seu Ano B (Evangelho de Marcos) encontram-se presentes no «Revised Common Lectionary» que é fruto do trabalho litúrgico ecuménico entre as Igrejas cristãs. Na edição deste ano e em jeito de introdução para cada estação do ano litúrgico houve o cuidado de escolher cânticos bíblicos e litúrgicos cujo sentido explana o caminho orante a percorrer pela Igreja. Deste modo também se torna pre-

sente e valoriza para o povo da Igreja estes ricos cânticos que fazem parte da tradição e património da Igreja de todo o tempo e lugar. Adquiria já o seu Guião de leituras bíblicas diárias e ofereça-o aos seus amigos e conhecidos.





Vítal da natividade - Paróquia de S. João Evangelista - c. 1870

# NATAL

«Glória a Deus no mais alto dos céus e paz na Terra aos homens a quem ele quer bem!»

(Lc 2,14)



*Santa Claus (Pai Natal) vem de S. Nicolau ou SinterKlaas que foi Bispo na Ásia menor no séc.IV d.C.*

## O NOSSO AMIGO NO CÉU

*Um novo olhar sobre S. Nicolau, o verdadeiro Pai Natal*

*Cónego Dr. Jim Rosenthal\**

Vindo da Ásia Menor, São Nicolau deve ter experimentado a complexidade de ser cristão num mundo que ainda adorava os deuses pagãos da antiguidade, e que terá levado Nicolau ao desafio de partilhar, com aqueles com quem contactava, a fé cristã com um certo zelo que, de vez em quando, o meteu em apuros.

Quando ainda era menino, os seus pais morreram numa epidemia rara e ele foi enviado para uma comunidade religiosa próxima, na qual o seu tio era sacerdote. Nicolau herdou a fortuna dos seus pais, comerciantes, e, na sua nova casa, viveu o desafio de descobrir que nem todos eram tão afortunados como ele, especialmente no mundo fora da comunidade. No dia-a-dia Nicolau deveria ver pessoas que vinham ter com os pais quase mendigando, implorando comida, dinheiro e ajuda da mais variada. O jovem Nicolau, muito bem ensinado pelos seus falecidos pais, interrogou-se no seu coração e o que começou a despontar nele, nessa altura, seria o início de algo que traria esperança e alegria, numa miríade de formas, até hoje.

Cuidar e desejar o bem daqueles com necessidades é um tema clássico com que quase sempre nos enfrentamos nesta época de preparação para o Natal. Jesus disse: “Pobres, sempre haverá no vosso meio”, e assim é. A história de São Nicolau pode desencadear em nós aquela santa virtude de levar vida nova e nova esperança às pessoas que conosco se cruzam. À medida que antecipamos a alegria do Advento, caminhando juntos e revivendo uma história tão antiga, temos a oportunidade de recuperar coisas que aparentemente nos foram tiradas, tal como a própria tradição de São Nicolau.

Vivemos num mundo em que a pobreza e a necessidade não estão mais ali, num lugar longínquo, mas provavelmente em toda a nossa cidade ou até na porta ao lado. A tentativa de São Nicolau de elevar a pobreza que ia encontrando, ajuda a readquirirmos a confiança no que a época do Advento pode fazer por nós. Precisamente nesta altura muitos estão a viver um tempo de gastos excessivos e expectativas irreais, que atrapalha toda a noção do que fazemos quando celebramos o Natal em si mesmo.

O Natal é um maravilhoso período do ano, bem, pelo menos para muitos. Mas, infelizmente para alguns, pode tornar-se um período atormentado pela ansiedade e a depressão e uma vívida chamada de atenção para o sítio onde as pessoas se encontram, lutando com as tristezas e as alegrias desta vida. Trazer de volta a sanidade da celebração do Natal é uma tarefa em que alguns dos personagens da época podem ajudar-nos imenso. O nosso amigo, São Nicolau, é um exemplo primordial daquilo que, ao readquirir e libertar uma imagem sequestrada pelo mercantilismo, pode ser feito para salvar a festa! As tradições de São Nicolau apontam sempre para o cerne da época, nomeadamente a Sagrada Família, e para a nossa vocação expressa de cristãos de levar a alegria e a ajuda concreta, não só as nossas orações, às pessoas para mudarmos as suas vidas para melhor.

*\*Cónego da Igreja Lusitana, Pároco das Paróquias de St. Nicholas at Wade e St. Mary the Virgin Chislet da Diocese de Cantuária e Presidente da Sociedade de St. Nicholas*

## ABERTURA DE NATAL

Jamais um Javé atrofiado  
ou divindade anã  
que sorri;  
mas um menino que cheira a gado  
chora naturalmente  
e faz chichi.

A nova claridade tem um nome  
em Belém da Judeia:  
é um Salvador que passa frio e fome;  
não um altar distante ou uma ideia.

David Freire



## TESTEMUNHOS DE NATAL



### A ALEGRIA DO SAPATINHO! *António Vaz Pinto*

Recordar uma história de Natal de quando era menino implica ir muito lá para trás, remexer o baú das lembranças e emoções. Entre os meus 5 e 10 anos, lembro-me a ansiedade que tinha na espera pelas prendas que o Sr. Jesus colocava no sapatinho. Minha Mãe punha com antecedência um sapatinho e explicava que no dia de Natal, o menino Jesus vinha e deixava lá uma prendinha. Que encanto eu sentia! Até sonhava com o sapatinho, mas acontecia que, a maior parte das vezes, na véspera de Natal ficava a observar o sapatinho e adormecia... e no dia seguinte, assim que acordava, corria em direção ao sapatinho e lá estavam as prendas deixadas pelo menino Jesus!

Frequentei a Escola Primária do Bom Pastor ligada à Paróquia, que realizava a Festa de Natal com os alunos e professores. Na minha primeira classe, a Professora, esposa do Rev<sup>o</sup> Arnaldo Couto, chamou-me e pediu-me para eu memorizar um pequeno verso para o apresentar na Festa. Recordo que fiquei muito nervoso porque nem sequer sabia ler, mas os meus Pais, ajudaram-me a decorar o verso e a apresentá-lo em palco. Foi um momento intenso que ficou gravado na minha memória.

No final das Festas de Natal da Escola e juntamente com a Igreja, entregavam-se presentes e rebuçados a todos os alunos. Era uma alegria indescritível, pois naquela altura muitos dos alunos eram bastante pobres e aquelas prendas eram as únicas que recebiam. Era um gesto da Escola e da Igreja que dava um grande testemunho naquela localidade.

Cresci na Igreja e com 83 anos continuo a servi-la, com alegria e dedicação, na Paróquia do Bom Pastor. A Celebração do Natal tem sempre um encanto especial. Com a minha idade, viver o Natal é fazer memória dos tempos passados e celebrar com renovado entusiasmo o grande amor de Deus, que se fez Menino, razão de ser do Natal, para mostrar a todos os Homens o Seu Amor.

“OS MÚSICOS QUE HABITAVAM EM TREVAS  
VIRAM UMA GRANDE LUZ”

Reverendo José Manuel Cerqueira

Ao ser-me proposto abordar a música de Natal do ponto de vista de um compositor à minha escolha, de imediato me lembrei daquele que constitui desde sempre o da minha eleição: Bach. Mas, bem observado, como também me foi dada a possibilidade de escolher outra temática, resolvi que seria interessante falar sobre “LUZ ELÉCTRICA”. Poderão perguntar o que tem a ver a luz eléctrica com o Natal, mas penso que tem tudo a ver.

“a música, toda ela, move-se entre a luz e a escuridão das melodias”

Tomadas das Sagradas Escrituras, as narrativas do Nascimento de Jesus, propõe-nos extraordinários jogos de luz e escuridão, de claridade e sombra, que como podemos imaginar são abordagens fascinantes do ponto de vista do som e da música. A música, toda ela, move-se entre a luz ou a escuridão das melodias, acompanhadas da claridade ou sombra dos instrumentos. Se é possível obter estas “cores” nos instrumentos tantas vezes com exigências técnicas difíceis, poderemos compreender como o uso da voz humana se tornou tão fundamental, ela que foi, é e será sempre o primeiro e mais importante instrumento da História da Música e da comunicação da palavra e da Palavra.

Vem da longa “noite dos tempos”, dizemos nós, e dizer noite é já dizer metade da temática, a Profecia de Isaías que anuncia: “o povo que andava em trevas viu uma grande luz, e sobre os que habitavam na região da sombra da morte resplandeceu a luz” (Isaías 9:2). Ainda antes e logo no início, o Génesis diz-nos que Deus ao fazer o mundo começou por tirá-lo da escuridão e da noite, para o lançar no desafio da luz que tudo mostra, tudo clarifica e explica. Seria ainda necessário esperar mais um pouco de tempo para ouvirmos o Senhor Jesus Cristo dizer: “Eu sou a luz do mundo; quem me segue não andaré em trevas, mas terá a luz” (João 8: 12). Mas, voltando ao Natal é à sua narrativa! Ambos os textos que nos narram o nascimento do Messias, são cheios de luz e sombras. Em Mateus, como todas as mulheres, Maria haveria de dar “à luz”; os Magos seguiram a luz de uma estrela, e logo ali se encontraram com a “anti-luz”

“as narrativas do nascimento de Jesus, propõem- nos extraordinários jogos de luz e de escuridão, de claridade e sombra”

representada por Herodes. Em Lucas, a luz e as trevas são ainda maiores e mais complexas. A virtude do alto haveria de cobrir Maria com a sua Sombra (Lucas 1:35<sup>a</sup>); Zacarias canta acerca de seu filho João que também ele seria chamado a dar a sua contribuição para “Alumiar os que estão assentados em trevas e sombras...” (Lucas 1:79); os pastores no campo guardavam os seus rebanhos durante a vigília da noite (L.2:8); e logo de seguida os anjos trouxeram até eles a glória do Senhor que os cercou de resplendor, como se esta luz refizesse tudo de novo desde o início, como se Deus mais uma vez dissesse: “Haja luz!”, ou “haja mais luz!” (L.2:9). Mas que terá tudo isto a ver com Música? Que ainda se trata de um texto sobre o Natal parece evidente, mas sobre música poderá não ser assim evidente. No que vos quero dizer, parece-me que sim.

Os compositores sempre procuraram transmitir através das suas obras estas subtilidades da poética do texto Bíblico, composto de uma poesia do real. A voz tem sempre o seu volume, o seu claro-oscuro, mas os instrumentos nem sempre conseguiram isso ao longo dos tempos. O desenvolvimento técnico dos instrumentos permitiu que as Trompas e os Trompetes se afirmassem como os instrumentos da glória de Deus; as Flautas transversais ou de Bisel, como os instrumentos dos pastores; o Oboé, como o da singeleza de Maria; o Fagote, o Violoncelo e a Viola da Gamba, como instrumentos graves, usados para transmitir a falsidade dos maus e dos pecadores e dos diversos Herodes de que a vida humana é feita; as Cordas como símbolo das multidões, etc... A partir daqui, se pensarmos na inspiração poderosa e arrebatadora dos compositores, podemos imaginar todas as combinações que é possível fazer, e os diálogos sem palavras que os instrumentos trocam entre si, em mensagens que eram compreendidas por todos os cristãos. É assim a música de Natal! Os textos do Evangelho absolutamente objectivos, a voz profética e poética, e os instrumentos como símbolos dos sentimentos e paixões humanas! Tudo em busca do mais difícil de traduzir: a luz e a escuridão, a claridade e sombra!

“os compositores sempre procuraram transmitir através das suas obras estas subtilidades da poética do texto bíblico”

MAS ONDE FICA A LUZ ELÉCTRICA,  
NESTA NOSSA REFLEXÃO?

Gostava que reflectissem comigo durante um pouco mais de tempo! Imaginem o exemplo inevitável: Bach! Vigília de Natal; Igreja de S. Tomás de Leipzig; cinco da tarde; já noite; começa a chegar o coro; muitos dos elementos, crianças de 6 ou 7 anos; os instrumentistas; o próprio compositor; afinam-se instrumentos, sob um frio que impede a afinação, em particular dos

instrumentos de sopro; faz-se um ensaio com muitos dos participantes desesperados e cansados já antes de começar. Por volta das 21 horas começa a Solene Vigília de Natal, que se prolongará para além da meia-noite. Alguém despendeu toda a tarde a acender candelabros gigantescos com centenas de velas, porque não há outra forma de iluminar a grande nave da Igreja... Antes de começar a Solene Celebração da noite levantam-se por cordas esses candelabros que criavam uma atmosfera entre a luz e a escuridão, entre as sombras e a luz. É neste ambiente absolutamente intenso que a orquestra, o coro e os solistas escondidos no coro alto, sem serem vistos, numa suave escuridão de velas acesas diante das estantes onde estão as partituras, lançam sobre uma Igreja completamente cheia, obras imortais da música sacra europeia.

Esta era a chave da espiritualidade de Natal e da sua música, os contrastes espirituais das vozes, dos instrumentos, num ambiente com uma iluminação que atraía o espírito, e que juntamente com as leituras da Sagrada Escritura, fazia com que cada cristão vivesse de forma mais intensa e em recolhimento o desafio do nascimento do Messias.

“a naturalidade de quem entende que o nascimento de Jesus no mundo e nos corações é inevitável”

Hoje, ligamos a luz eléctrica das nossas Igrejas, que é uma dádiva, mas por outro lado, perdemos esta ternura da luz tremula, que permitiu aos compositores colorir a sua música com mistério e poesia. Raramente temos a coragem de desligar as nossas lâmpadas e candelários para nos permitirmos viver com a mesma intensidade, a beleza, a ternura, recolhimento e a fé que os cristãos que durante 1800 anos viveram sem saber o que era a luz eléctrica...

Este ano se puderem ouçam uma das mais belas cantatas de Natal de Bach, “Süsser Trost, mein Jesus komm” (Doce esperança, o meu Jesus chega) BWV 151, escrita para o dia 27 de Dezembro de 1725, e pelo menos uma vez no ano desliguem a luz de casa, recolham-se, leiam um texto do nascimento do Senhor e acendam uma vela, e apenas com a simplicidade dessa luz desfrutem da beleza da música, e a mensagem do Natal entrará nos vossos corações com uma surpreendente naturalidade, a naturalidade de quem entende que o nascimento de Jesus no mundo e nos corações é inevitável...



## NATAL ; UM TEMPO SEM TEMPO *Maria Carlos Costa*

O tempo de Natal tem sido para mim um tempo sem tempo! Tem sido um tempo em que chego à grande noite completamente exausta, desgastada pelo final do primeiro período escolar: reuniões, avaliações, alunos com problemas familiares e carências sociais... filhos que também precisam de orientação para os testes... e para conhecer o verdadeiro sentido do Natal... família que precisa de atenção e carinho... E toda esta correria não inclui a azáfama das prendas, das compras, das ementas natalícias, assuntos que são rapidamente resolvidos, porque não há tempo para mais.

Mas, apesar do cansaço, e da falta de tempo, há tempo para marcar presença com a família nas celebrações da paróquia. Há tempo para celebrar em família o Acontecimento único que marcou a História da Humanidade e que contagia mesmo aqueles que dizem não acreditar.

O Acontecimento que nos ilumina, que nos dá a esperança, que nos dá a paz e a alegria, que nos conforta e nos impele a continuar a nossa caminhada de fé. Em cada Natal procuro o tempo para encontrar Jesus, para O ouvir, para trilhar o meu caminho gozando o Seu Amor. O Natal é a expressão do Amor do nosso Pai e da vida que nos dá através do Seu Filho.

## A FESTA DO NATAL *Manuel Guedes-Vieira*

O Natal representa um marco essencial na minha vida, na vida da minha família – a de sangue e a que o Senhor nosso Pai me concedeu através da Mulher que pôs a meu lado.

Os festejos natalícios são, para mim, A FESTA, a festa da família, uma festa que se iniciava, a bem dizer, logo nos primeiros dias de Dezembro e se prolongava até aos Reis.

È que, logo no início de Dezembro minha Avó materna “plantava” as searas que alegrariam o presépio; depois havia que arranjar musgo, desembulhar as figuras que iriam estar no presépio arranjar um pinheiro e comprar um peru que seria sacrificado a 23...

Armar o pinheiro era tarefa de meu Pai; minha Mãe, minha Avó e eu ocupávamo-nos da decoração e da montagem do presépio. De facto, apesar de crescer num meio não confessional, o nosso Natal sempre foi Cristão e, se havia árvore de Natal, não faltava, com o devido destaque, o presépio – o mesmo que todos os anos minha Mulher e eu montamos.

Inevitavelmente, o núcleo familiar foi-se estreitando, chegando mesmo uma altura em que o Natal já não o passava em minha casa, mas sim na de parentes; a festa como que “encolheu”, a árvore de Natal desapareceu, as searas do presépio também; mas o presépio, esse nunca foi esquecido e, todos os anos retomava o seu lugar de honra, mesmo que só eu estivesse lá para o admirar e venerar o seu símbolo. E a alegria do Natal era mesclada pela enorme saudade dos que haviam desaparecido.

Graças a Deus, tudo mudou; a saudade dos que partiram para a morada do Pai, essa não desapareceu, mas o Natal voltou a ser a nossa FESTA, connosco todos juntos, incluindo a memória dos que nos deixaram, com uma Família alargada (por aqueles que O Senhor me deu, juntamente com a Mulher amada que pôs a meu lado). Procuramos estar todos juntos, celebrando o nascimento do Emanuel, re-entoando os doces cânticos de louvor ao Deus Menino e procurando inculcar na consciência dos mais novos a beleza desta quadra, de Amor e júbilo pelo nascimento do nosso Salvador.





## A Espera

Bispo emérito Fernando da Luz Soares



O idoso, sentado numa saliência do edifício iluminado pelo sol aquecedor, olha quem passa, espera sabe-se lá o quê. Não muito longe dele, uma mulher de pé à porta do centro comercial, olhando para um lado e para o outro, espera alguém que virá atrasado certamente. No outro lado da rua, dentro duma loja de pronto-a-vestir, a jovem elegante e hirta junto ao balcão espera clientes. E quantos outros e outras naquela rua de agitada convivência e nas mais diversas formas esperam!

Também no Centro de Saúde se espera. Aí sabe-se para quê e porquê, com atenção fixada no altifalante que anuncia o nome do paciente para o atendimento de enfermagem ou médico. Numa área da sala com três fileiras de cadeiras onde se sentam de costas uns para os outros observando o televisor dependurado na parede que lhes fica em frente; na outra área outras três fileiras de cadeiras, mas de costas para a parede do televisor alguns conversam, outros leem ou manipulam o telemóvel. Há também os que acompanham com atenção o trabalho das administrativas nos locais de atendimento e os que olham com ar interrogativo quem vai chegando, como que a tentar descobrir a razão por que ali vão.

Percebe-se destas expressões que a “espera” no nosso quotidiano é um ato passivo que nos torna pessoas sós. É uma espécie de estado de solidão, um íterim na nossa vida em que nos desligamos de tudo e nos concentramos com ansiedade no que esperamos que aconteça. Numa palavra, deixamos de ser protagonistas.

Vem isto a propósito do Advento que é tempo de penumbra e espera.

A “espera” no contexto da fé caracteriza-se, ao contrário da “espera” do quotidiano, por uma atitude ativa, ou seja, pelo protagonismo. Só assim se compreende a chamada de atenção de Jesus “Vigiai...” (S. Marc. 13,37). Ora, a vigilância exige que se esteja desperto, isto é, atento à realidade em que vivemos, disponíveis para ver “tudo”, tanto o que é belo e nos enleva, alegra e dá felicidade, como o que nos entristece e abate, e também exige que não nos deixemos tolher pelas

inúmeras maneiras como a visão televisiva nos quer impor imagens e linguagens e retirar o nosso próprio pensamento.

Assim, estar desperto em contexto de fé requer:

(1) Atentar no que realmente somos, sem disfarces e com rigor, para que nos apercebamos do que em nós tem de mudar. Precisamos de ter sempre presente a oração do publicano “Meu Deus, tem piedade de mim, pecador!” (S. Luc 18, 13). Este saiu justificado. Não basta ter coração se não procuramos saber se está endurecido.

(2) Olhar com olhos abertos para as realidades que nos rodeiam descobrindo Jesus nos que têm fome e sede, nos que são imigrantes, estão nus ou doentes ou presos (S. Mat 25, 35-36). Como diz o cântico 19 do CTN, “Procuro a Imagem do Senhor, Procuro a Sua face no rosto dos irmãos”. Não basta ter olhos para ver se não vemos a vida e as pessoas como Jesus as via.

(3) Dar valor ao que é importante para nos deixarmos apaixonar pela sua realização, fazer caminho com os outros (os domésticos da fé) em atitude de humildade e serviço, não nos cansando de fazer o bem (II Tes 3,13). Não basta ter ouvidos abertos se não escutamos o que Jesus escutava.

Este modo de “esperar” materializa a autêntica e única procura de Deus, a ativa condição do(a) crente na busca do bem e no evitar do mal, aquela que conduz realmente a uma vida com sentido (“Procurai-me e vivereis” – Amós 5, 4.6). No Novo Testamento diz-se: “Buscai, em primeiro lugar, o Reino de Deus e a sua justiça, e todas essas coisas vos serão acrescentadas” (S. Mat 6, 33). O convite de Jesus, que é uma outra forma de expressar a palavra do Profeta, apela a um modo de estar e viver no contexto da fé. Ora, é esta a “espera” ativa e com protagonismo a que somos chamados, pois, a fidelidade à palavra e vontade de Deus caracteriza o ‘justo’ e garante-lhe segurança e vida.



## Sagrado novo Bispo dos Libombos em Moçambique *Joana Pina Cabral*

D. Carlos Simão Matsinhe é o novo Bispo dos Libombos, Diocese da Província Anglicana da África Austral, que abrange o centro e o sul de Moçambique. Eleito em Sínodo, em Agosto passado, após a resignação, em Março, do Bispo D. Dinis Sengulane, D. Carlos foi sagrado Bispo e entronizado na Diocese dos Libombos, no dia 28 de Setembro. É o 11º Bispo dos Libombos, o segundo moçambicano a ocupar o cargo e o primeiro a ser eleito após a independência daquele país.

Tive a bênção de poder ter estado na sua sagração, já que, encontrando-me em Moçambique a título pessoal, fui convidada pelo sr D. Jorge Pina Cabral, para representar a Igreja Lusitana no evento. A cerimónia, que teve início às 8h30 da manhã de um Domingo, fresco para aquelas terras, cerca de 20 e poucos graus, decorreu no Pavilhão da Maxaquene, um imenso complexo desportivo na baixa da cidade de Maputo, e durou cerca de seis horas! Para nós, seis horas de culto é uma enormidade, mas garanto-vos que quase nem demos pelo tempo a passar, numa liturgia viva, animada, alegre e cheia de cor. O Pavilhão estava cheio e muito colorido, pois os moçambicanos vestem, homens e mulheres, as suas tradicionais capulanas, identificando por padrões cada paróquia, grupo da Igreja, coro ou pessoas encarregues do protocolo. Além disso, o povo em geral tem o hábito de levar os seus instrumentos musicais (maracas, timbales, sininhos, etc) com os quais acompanham os hinos e cânticos. O resultado final é uma massa colorida, transmissora de alegria. O coro era enorme e muito bem ensaiado, prestando à cerimónia uma solenidade e alegria imensas.

A sagração foi presidida pelo Arcebispo da Cidade do Cabo, Metropolitano da África Austral e Primaz da Igreja Anglicana, Revmo Senhor D. Thabo Cecil Makgoba, que esteve acompanhado por inúmeros bispos da Comunhão Anglicana, não só de África (entre os quais me chamou a atenção uma mulher bispo africana!), como da Europa e

Canadá, estando também presente um Bispo da Igreja Luterana da Suécia, com a qual a Diocese dos Libombos tem uma longa tradição de colaboração.

O governo moçambicano esteve representado ao mais alto nível, pelo Presidente da República, Armando Guebuza, e a ministra da Justiça. Tendo estado representadas também outras instituições, laicas e religiosas, como outras denominações religiosas, empresários, banqueiros, enfim, uma amostra da sociedade moçambicana, para além de bastante convidados estrangeiros. O Presidente da República, na sua alocução, teceu grandes elogios ao papel da Igreja Anglicana em Moçambique, quer antes quer depois da independência.

Na cerimónia, tive a honra de, a convite pessoal do Sr. D. Carlos, ler a leitura do Novo Testamento, tendo a leitura do Antigo Testamento sido feita pela sua filha, Graça Matsinhe, em changana (um dos dialectos daquela região de Moçambique). Graças a Deus que a mim me coube a leitura em português! Tive a honra, pois este convite foi-me endereçado por eu ser a filha do 9º Bispo da Diocese dos Libombos e dessa forma poder tornar a memória do meu Pai presente na cerimónia. Aliás, durante toda a cerimónia, e mesmo na festa subsequente, o nome de Daniel Pina Cabral foi muitas vezes referido, com carinho e admiração. Achei muito bonito. Qual a filha que não gosta de ver o seu Pai lembrado desta forma?!

As prioridades do novo Bispo segundo as suas próprias palavras são, “a continuação da evangelização, a defesa da paz e o resgate da moral entre os moçambicanos”, orientado sempre pelo lema que adoptou: “Não pelo Poder, nem pela Força, mas pelo Meu Espírito, diz o Senhor” Zc 4,6. Assim Deus os ajude!

# Coerência entre a vida e o testemunho cristão

Bispo Matthias Ring\*  
(Igreja Velho-Católica Alemã)

Já lá vai um longo tempo desde os dias de St. Willibrord (séc. VII) quando eramos capazes de converter as pessoas com um sermão inflamado ou um pequeno milagre. De qualquer forma ainda não consegui fazer isso. E conheço muitos cristãos que hoje em dia ficariam simplesmente contentes se ninguém perdesse a sua fé ao ouvir um sermão. Algumas pessoas pensam que podemos anunciar a fé como anunciamos um pacote de biscoitos. Não concordo porque tal seria identificar ou confundir anúncios e relações públicas com missão e pregação. Mas as duas diferem num aspeto essencial. Os anúncios atraem a atenção para as vantagens do produto, o que nós en-

tempo. Por outras palavras, estava convencido que o convidado se converteria em resultado do seu exemplo pessoal e de vida. Não sei se hoje nos atreveríamos a convidar alguém para a casa do bispo ou do padre como forma de o trazer para a fé. Poderíamos até ficar um pouco preocupados que eles pudessem ver um lado da vida da Igreja que viesse a ser um impedimento.

Se queremos trazer pessoas ao Evangelho temos que o demonstrar nas nossas vidas. Os missionários cristãos não podem ser como aqueles ilustres dignitários que marcham com os atletas nos Jogos Olímpicos apesar de obviamente não praticarem há anos qualquer desporto. As pessoas que escutam o que dizemos e nos procuram



S. Willibrord (Séc. VII) missionário inglês e 1º bispo de Utrech

“Jesus não teria convertido nenhum discípulo se não tivesse vivido o que pregava”

quanto Igreja também fazemos quando anunciamos o Evangelho. Mas quando uma celebridade famosa anuncia um certo produto, ninguém acredita seriamente que está convencida de que o que diz sobre o produto é realmente verdade. Podemos até pensar que é quase certo que não use de todo o produto.

Missão e pregação são muito diferentes dado que requerem um pregador credível. Quer gostem ou não, os pregadores são, e têm sido sempre, parte da mensagem. Jesus não teria convertido nenhum discípulo se não tivesse vivido o que pregava. E S. Crisóstomo é conhecido por ter convidado qualquer pessoa interessada na fé cristã para viver com ele em sua casa por algum

“Se queremos trazer pessoas ao Evangelho temos que o demonstrar nas nossas vidas”

como conselheiros espirituais e líderes de oração têm um olho vivo para aferir se estamos a ser autênticos ou meramente a desempenhar um papel. E essas mesmas pessoas repararão rapidamente e reagirão com desgosto se virem que o comportamento dos representantes da Igreja não tem nada a ver com o Evangelho.

O que realmente conta na missão e na pregação torna-se claro para mim quando leio « O Homem sem qualidades» do escritor austríaco Robert Musil, que morreu em 1942. Na sua novela incompleta, Musil faz uma interessante distinção entre «as pessoas para» e «as pessoas em». As «pessoas para» vivem para a paz, para o amor e para a justiça, mas não em paz, em amor e em justiça. Quando se erguem por alguma causa, já perderam o sentido da causa pela qual clamam. Musil argumenta que se vivemos em paz não temos que lutar por tal, dado que naturalmente irradiaremos paz através do modo como vivemos.

Isto, lembra-nos as Escrituras que nos dizem que enquanto cristãos vivemos em Cristo. Então a questão é: queremos realmente viver *em* Cristo, *no* Evangelho, *no* Reino de Deus? Ou queremos apenas anunciá-los? Acredito que hoje as pessoas têm um sentido muito apurado para aferir se enquanto cristãos estamos com elas ou apenas para elas. E nesta distinção radica o sentido de todos os esforços missionários. Claro que é importante planear boas campanhas e eventos inspiradores. Mas o que no fim conta mais é o testemunho pessoal das nossas vidas. Neste aspeto nada mudou desde os dias de S. Crisóstomo ou S. Willibrord.

\*mensagem dos bispos Anglicanos e Velho-Católicos da Europa por ocasião da festa de S. Willibrord a 7 de novembro.



## Os desafios da Comunhão Anglicana e o caminho a percorrer

**Na sua alocução presidencial ao Sínodo Geral da Igreja de Inglaterra feita a 17 de Novembro passado, o sr Arcebispo de Cantuária, Justin Welby, falou sobre os assuntos que se colocam à Comunhão Anglicana e possíveis caminhos de futuro.**

### Uma Comunhão florescente

Em primeiro lugar, e isto tem que ser ouvido claramente, a Comunhão Anglicana existe e está a florescer em aproximadamente 165 países. Houve comentários ao longo do ano passado de que os assuntos à volta da Comunhão não nos deveriam preocupar a nós na Igreja de Inglaterra dado que a Comunhão para todos os aspetos práticos tinha deixado de existir. Não só existe, como em quase todos os lugares (há algumas exceções) os laços à Sé de Cantuária, não obstante o seu Arcebispo, são profundamente valorizados. A questão sobre a sua existência é então sobre o que será no futuro. E poderá ser diferente, e voltarei a esta questão.

Segundo, o Anglicanismo é incrivelmente diverso (...). Dentro da Comunhão existem talvez mais de 2.000 línguas e talvez mais de 500 culturas distintas e modos de ver o mundo. Algumas das suas Igrejas estão no meio daquilo que são literalmente as partes mais ricas do globo e tem consigo das pessoas mais ricas do mundo. A grande maioria são pobres.

Apesar das aparências aqui, somos uma Igreja pobre para os pobres. Muitas Igrejas estão em países nos quais a mudança se encontra a um nível que nós não conseguimos sequer começar a imaginar. Lembro-me do homem que encontrei na Papua Nova Guiné que é engenheiro civil e cujo avô foi o primeiro da sua tribo a ver uma roda quando um pequeno avião aterrou numa clareira da floresta.

Ao mesmo tempo existe uma profunda unidade em muitas áreas. Não em todas, mas tendo dito o que disse sobre diversidade, que inclui diversidade em toda a espécie de assuntos incluindo sexualidade, casamento e a sua natureza, o uso do dinheiro, as relações entre um homem e uma mulher, o ambiente, a guerra e a paz, a distribuição da riqueza e da comida, e um milhão de outras coisas, sustentamo-nos numa unidade oferecida pelo Espírito de Deus àqueles que chamam Jesus Cristo como Senhor e Salvador. Esta diversidade é tanto um dom como um desafio, a ser aceite e abraçado, quando procuramos testemunhar em verdade e amor as boas novas de Jesus Cristo.

**“O potencial da Comunhão sob a orientação de Deus está para além daquilo que possamos imaginar ou sequer pensar”**



Em terceiro lugar, o potencial da Comunhão sob Deus está para além de qualquer coisa que possamos imaginar ou sequer pensar. Há o prémio da unidade visível em Cristo apesar da diversidade funcional. É um prémio que não só é de infinito valor, mas que requer enorme sacrifício e esforço para o alcançar. E no entanto se nos aproximarmos d’Ele podemos falar com autoridade a um mundo no qual no último ano vimos mais que nunca uma incapacidade para lidar com a diferença, e um desejo de simplificar a complexidade e a diversidade da natureza da existência humana por falta de melhor razão de que não podemos gerir a diferença e lidar com o outro. No entanto em Cristo estamos juntos. Em Cristo as barreiras são quebradas, a paz é nos dada como um dom estabelecido, que exige ser vivida. Em Cristo existe esperança de uma vida que providencia esperança e paz.

“Vivemos uma Comunhão que merece celebração e ação de graças tal como oração e arrependimento”

Em quarto lugar vivemos numa comunidade que existe, que está profundamente comprometida com o seu mundo em quase toda a parte, que é diversa e argumentativa e fraturada, mas que continua a mostrar em tantos lugares conhecidos e desconhecidos, o poder e o amor de Cristo através do Seu Espírito que trabalha no nosso mundo. Vivemos numa Comunhão que merece celebração e ação de graças tal como oração e arrependimento. Uma comunhão florescente mas uma comunhão dividida (...).

### Uma Comunhão sob ameaça

Existe perseguição na Comunhão, em muitas, muitas áreas. Somos uma Igreja pobre e perseguida. Estamos bem conscientes disto e temos que o recordar constantemente. Em muitas partes do mundo, particularmente partes da África, Médio Oriente, mas também o Sul do Este da Ásia, a perseguição vem dos ataques dos jihadistas que nos últimos anos mataram, muitos, muitos Anglicanos, outros cristãos e em maior número Muçulmanos. Existe imenso sofrimento. A terrível epidemia do Ébola,

indescritível, uma morte negra a espalhar-se por três Dioceses da África Oeste, é por si uma catástrofe de proporções históricas. A lista poderia continuar, especialmente no Médio Oriente, Palestina e Israel, o Levante e o vale de Eufrates.

### E para o futuro da Comunhão ?

O ponto central a ser estabelecido é como a Comunhão Anglicana é conduzida, e qual é a sua visão no século XXI, num mundo pós colonial? Como refletimos o facto da maioria dos seus membros estarem no Sul global, qual é o papel dos instrumentos de Comunhão, especialmente o Arcebispo de Cantuária, e como é que tal se expressa numa vivência prática? Estão são grandes decisões, que devem ser tomadas para apoiar o contínuo e ininterrupto trabalho de ministério para um mundo em grande necessidade e em grande conflito. Qualquer que seja a resposta, será muito diferente da do passado.

Então as boas notícias. A Comunhão existe e está a fazer coisas maravilhosas. As más notícias. Existem grandes divisões e ameaças. O desafio. Existe um preço em ser capaz de desenvolver unidade na diversidade e também com relações ecuménicas cada vez mais profundas que demonstram o poder de Cristo em quebrar barreiras e em providenciar esperança para um mundo quebrado. Temos que entender este desafio, para que o mundo tenha o prémio de ver o amor de Cristo e escute as novas da Sua salvação.



O Compass Rose ou Rosa-dos-Ventos é o símbolo oficial da comunhão anglicana. Ao centro encontra-se a cruz de S.Jorge lembrando as origens da comunhão anglicana. À volta da cruz encontra-se a inscrição bíblica : “a verdade vos libertará” (S.João 8:32). Este símbolo representa a presença mundial da comunhão anglicana.

# O Pacto Batismal na Igreja Episcopal

Bispo Pierre W. Whalon\*



**No aprofundamento do tema sinodal “do batismo à missão da igreja”, o ND inicia neste número uma secção destinada a aprofundar a relação entre o batismo e a missão da igreja.**

Lex orandi, lex credendi – o modo como oramos expressa a nossa fé – é um princípio básico da liturgia da Igreja. Para os Anglicanos, este princípio encontra-se refletido nos vários livros de Oração Comum. Na Igreja Episcopal, radicada nos Estados Unidos mas presente em dezasseis outros países, a liturgia oficial da Igreja encontra-se no livro de Oração Comum de 1979. Na Igreja Lusitana, encontra-se no livro de liturgia da Igreja Lusitana.

Uma grande mudança no livro da Igreja Episcopal de 1979 diz respeito ao Batismo. Enquanto a Confirmação se entendia como o aperfeiçoamento do batismo normal de crianças, tal como nos ritos anglicanos tradicionais, agora o Batismo em si mesmo, torna-se «completa iniciação pela água e pelo Espírito Santo no Corpo de Cristo, a Igreja»<sup>1</sup>. A ordem do serviço assemelha-se àquela que se encontra no batismo de adultos na liturgia da Igreja Lusitana (págs. 251-255). Agora todos os batismos devem ocorrer durante a Eucaristia dominical ou outras festas maiores. Aquele que batiza é não só o presbítero (e o bispo), como anteriormente, mas é agora também toda a comunidade.

Depois dos tradicionais votos batismais, segue-se o pacto do Batismo. O celebrante convida a congregação a juntar-se ao candidato «renovando o nosso próprio pacto Batismal» (p. 303). O rito então usa o Credo dos Apóstolos, na fórmula antiga de pergunta e resposta, e mais cinco outras perguntas e respostas, para definir este pacto. O que se segue é muito semelhante à liturgia do rito Lusitano, e tal como neste rito, as boas vindas são dadas pela congregação.

“O Pacto Batismal tornou-se não só uma declaração de fé, mas também a declaração de missão da Igreja”

Esta «renovação do pacto batismal» tornou-se a chave para a compreensão da mudança ocorrida na Igreja Episcopal no entendimento do que é ser Igreja. Os seus autores quiseram dar aos Episcopais um forte sentido do que significa ser Igreja numa nação secularizada, em vez de ser de certo modo, uma «igreja nacional» tal como a igreja de Inglaterra. Ouvindo hoje como os membros da Igreja Episcopal falam do pacto Batismal enquanto compromisso a seguir a Cristo, no exercício de um ministério no mundo, verificamos que tiveram sucesso.

O resultado mais claro do uso do pacto Batismal é a ideia de que a todos os batizados, são dados dons para o seu ministério (I Cor. 12). Bispos, presbíteros e diáconos são nesta perspetiva, ordenados para encarnar e fortalecer o ministério de toda a Igreja. E dado que os Episcopais sempre se governaram a si próprios através de eleições, o uso constante do pacto Batismal, sublinha o traço democrático deste governo da Igreja, sem abolir a hierarquia da Ordens Sagradas.

Os outros Anglicanos ficam muitas vezes surpreendidos pelas constantes referências feitas pelos Episcopais ao pacto do Batismo. Mas para nós, o pacto Batismal tornou-se não só uma declaração de fé, mas também a «declaração de missão» da Igreja:

\*Bispo da Convocação das Igrejas Episcopais na Europa e Bispo Assistente da Igreja Lusitana.

1. introdução às rubricas ou instruções para o rito do batismo. ver pág. 298. Este rito procura recuperar o batismo, antes da confirmação se ter separado dele ao longo da história da igreja.

## O Pacto Batismal

(no livro de Oração Comum da Igreja Episcopal pág.304 e 305)

### **Crês em Deus Pai?**

Creio em Deus, Pai todo-poderoso, criador do céu e da terra.

### **Crês em Jesus Cristo, o Filho de Deus?**

Creio em Jesus Cristo, seu único Filho, nosso Senhor. O qual foi concebido pelo poder do Espírito Santo e nasceu da Virgem Maria. Padeceu sob o poder de Pôncio Pilatos, foi crucificado, morto e sepultado, desceu ao lugar dos mortos, ressuscitou ao terceiro dia, subiu aos céus, e está sentado à direita do Pai. Voltará para julgar os vivos e os mortos.

### **Crês no Espírito Santo que é Deus?**

Creio no Espírito Santo, na santa Igreja Católica, na comunhão dos santos, na remissão dos pecados, na ressurreição do corpo, e na vida eterna.

**Continuarás no ensino e na comunhão dos apóstolos, no partir do pão, e nas orações?**

Assim o farei, com a ajuda de Deus.

**Preservarás em resistir ao mal, e quando caíres em pecado, no arrependimento e conversão ao Senhor?**

Assim o farei, com a ajuda de Deus.

**Proclamarás pela palavra e exemplo as boas novas de Deus em Cristo?**

Assim o farei, com a ajuda de Deus.

**Procurarás e servirás a Cristo em todas as pessoas, amando o próximo como a ti mesmo?**

Assim o farei, com a ajuda de Deus.

**Esforçar-te-ás pela justiça e a paz entre todas as pessoas, e respeitando a dignidade de cada ser humano?**

Assim o farei, com a ajuda de Deus.





fator esquecido – os pergaminhos para escrever. Eram peles bem raspadas, principalmente de ovelhas. Ou seja, se uma bíblia completa constasse de doze ou catorze volumes, de duzentas folhas cada volume, era necessária a pele de duzentos animais, no mínimo um rebanho inteiro!! E capas e lombadas de couro duro. Assim, nem todos os membros do clero tinham bíblias completas. Quanto mais o povo! A situação modificou-se mais tarde, com o surgimento da imprensa de caracteres móveis, e o aparecimento da burguesia.

Sendo também época de frequentes pequenas guerras (ou grandes) com todas as destruições e saques, tudo isto constitui uma relativa atenuante para o pouco conhecimento e divulgação dos textos sagrados. Houve exceções favoráveis em diversos sítios. Mas insuficientes... Hoje, com bíblias baratas, feitas até na China (!) e com leitura possível na Internet e tablettes, muita gente não se dá conta do privilégio que tem, sendo lamentável o pouco uso a tal dado por muitas camadas da população, por vezes até frequentadores de Igrejas. E vai longe o tempo em que era considerado útil saber de cor alguns textos bíblicos mais importantes. E apesar de o latim estar substituído por milhares de línguas e dialetos. E até Braille... Tantas facilidades, que para os autores originais eram inimagináveis. Livro outrora raríssimo, é hoje editado aos milhares, e barato...

## A Bíblia... nos tempos medievais

*Pastor Jorge Barros*

O uso e a divulgação da Bíblia passaram por diversas fases, por vezes com grandes diferenças. Relembramos hoje apenas alguns aspetos, creio que bastante esquecidos, dos tempos medievais. Uma característica importante é o facto de as Bíblias terem “iluminuras” – pequenas gravuras coloridas, principalmente no início dos capítulos. Geralmente a primeira letra é com floreios extremamente coloridos e bem desenhados. Por vezes incluía miniaturas alusivas à passagem bíblica mais próxima. Algumas cores feitas com produtos raros e difíceis de obter... Sendo todas as letras manuscritas uma a uma, e relativamente grandes, não admira que uma bíblia completa pudesse demorar anos, mesmo sendo mais de um copista a trabalhar.

O exemplar mais conhecido, e talvez o mais antigo é o célebre “livro de Kells”. Mas há bons exemplares em diversos museus e mosteiros espalhados pelo nosso país. Espanto – em alguns países havia exemplares que eram expostos em certos dias do ano. O povo simples achava-os tão bonitos que havia quem considerasse que tinham sido escritos por anjos...

Apesar do seu valor, havia algumas limitações que prejudicavam o seu valor, uso e divulgação. No aspeto “material” eram caríssimas, apesar da mão-de-obra “gratuita” dos monges... Tintas de boa qualidade e,

Terminemos com uma pequena mas importante nota. Na época medieval foi feito um “Antigo Testamento” em hebraico, com iluminuras. Livro único no mundo é um exemplar existente na Biblioteca Nacional, internacionalmente chamado Lisbon Hebrew Bible.





## 125º Aniversário da União de Utreque



Senhor Arcebispo de Utreque, Joris Vercammen

### Delegação Lusitana presente no Congresso Velho-Católico

A IL esteve representada no 31º Congresso da Comunhão das Igrejas Velho-Católicas, realizado em Utreque de 18 a 21 de Setembro, pelo presbítero Fernando Santos, arcepreste do Sul, e António Manuel Silva, coordenador do IAET.

De quatro em quatro anos o Congresso Internacional Velho-Católico realiza-se alternadamente na Áustria, Alemanha, Suíça ou Holanda, reunindo os bispos, o clero e muitos leigos desta comunhão de igrejas num importante evento de celebração, reflexão e convívio.

A bela cidade holandesa de Utreque foi o local escolhido para o Congresso de 2014, e não por acaso, já que foi ali que em 1889 cinco bispos da Holanda, Alemanha e Suíça assinaram a declaração fundadora da Comunhão das Igrejas Velho-Católicas. Assinalando os 125 anos desse momento histórico, mais de meio milhar de crentes e representantes de outras igrejas e movimentos reuniram-se neste 31º Congresso, cujo lema – Levanta-te e vai! – marcou de forma muito expressiva a dinâmica e espírito de renovação evangélica que ali se viveu.

O programa incluiu diversos serviços, workshops sobre temas religiosos, ecuménicos e de compromisso social das igrejas, conferências e uma sessão especial para os convidados ecuménicos, para além de momentos culturais e de confraternização. Um congresso destinado aos jovens decorreu em paralelo.

Na sessão ecuménica, comentadores de diferentes igrejas abordaram as mensagens e questões colocadas por hierarcas e responsáveis de igrejas e organizações (gravadas em vídeo), como o Senhor Arcebispo de Cantuária, o Patriarca Ecuménico de Constantinopla, dirigentes do Conselho Mundial de Igrejas, da Conferência das Igrejas Europeias, etc., levantando-se interessante discussão sobre vários temas, nomeadamente o aprofundamento do diálogo entre anglicanos e velho-católicos.

As celebrações, feitas quer na Domkerk, a catedral gótica de São Martinho, com a sua torre de 112,5 metros de altura (a maior torre de igreja em toda a Holanda); quer na sé velho-católica de Santa Gertrudes, evidenciaram, a par de um ambiente informal e festivo, o espírito e solenidade litúrgica da tradição velho-católica, destacando-se o serviço comemorativo dos 125 anos da União, celebrado por muitas dezenas de bispos e presbíteros e que contou com a presença da Princesa Beatriz da Holanda.

No congresso participaram membros das igrejas velho-católicas da Holanda, Suíça, Alemanha, França, Polónia, Áustria, República Checa, da Igreja Independente das Filipinas e de outras igrejas com as quais a igreja está em comunhão. Presentes também numerosos convidados de outras igrejas e organizações, nomeadamente Ortodoxas, Anglicanas, Protestantes, Católica-romana e outras.

A delegação da IL, igreja que em 1965 assinou uma concordata de plena comunhão com a união velho-católica, foi recebida de forma muito cordial por parte do Arcebispo de Utreque, Joris Vercammen, e de muitos outros responsáveis e congressistas.



Investigadora brasileira apoiou-se em documentação da Igreja Lusitana

## Educação e género no protestantismo lusófono

*José António Afonso*

Sandra Cristina da Silva, licenciada em História, mestre e doutora em Educação, é presentemente professora substituta (temporária) na Universidade Federal de Pernambuco, onde leciona a disciplina Fundamentos da Educação.

A investigação que desenvolve, há já alguns anos, centra-se na história do protestantismo brasileiro, particularmente na região do Noroeste. Os seus estudos inserem-se num movimento de renovação da historiografia sobre o protestantismo, alicerçado nas exigências do método histórico e construído a partir de múltiplas bases documentais, onde pontificam as investigações coerentes, continuadas e estimulantes em paralelo com as reflexões sobre o campo de estudos, construídas em pressupostos teóricos e metodológicos que justificam a pertinência das categorias de análise socio histórica utilizadas e a coerência das fontes referenciadas.

Sandra Cristina da Silva envereda, desde a sua dissertação de Mestrado, de 2009, Educação de Papel. Impressos protestantes educando mulheres, até à tese de doutoramento, defendida em 2013, Guiando almas femininas: a educação protestante da mulher em impressos confessionais no Brasil e em Portugal (1890-1930), por conjugar género e educação como categorias pertinentes para a história da construção das identidades dos protestantismos brasileiros, convocando a imprensa, produzida pelas diversas denominações, como um dos indícios pertinentes para compreender o *modus vivendi* dos protestantismos.

Na tese de doutoramento, avança com uma outra categoria: a circulação das ideias no âmbito dos protestantismos lusófonos. Não estabelecendo uma análise comparativa, procurou “constatar as similaridades” entre os dois universos protestantes. A aproximação a Portugal está suportada no periódico Estrela (1925-1938). As conclusões dos inquéritos conduzidos pela Sandra Cristina da Silva, deixam antever a pertinência histórica de um tema não isento de tensões, controvérsias e polémicas, que parece ainda estar envolto por certo pudor.

Uma última nota. O estudo sobre Portugal foi resultante de um Estágio Científico Avançado, realizado em 2012, na Universidade do Minho. Durante seis meses Sandra Cristina da Silva investigou no Arquivo da Igreja Metodista do Mirante e no Arquivo Histórico da Igreja Lusitana – Paróquia de São João Evangelista. Neste, socorreu-se da sua hemeroteca, onde analisou o periódico Estrela, aliás fonte de inspiração (do Editorial do nº 1) para o título da tese: Guiando almas femininas.



## Conferência e Assembleia Geral da CEPPLE reúne 50 delegados de vários países e igrejas

A Vila de Rincón de la Victória, em Málaga, sul de Espanha, acolheu de 2 a 5 de Outubro de 2014, uma Conferência seguida da Assembleia Geral da CEPPLE - Conferência de Igrejas Protestantes dos Países Latinos da Europa.

A Igreja Lusitana é membro de pleno direito desta organização que reúne 21 Igrejas e Instituições dos países latinos da Europa (ver site: [www.cepple.eu](http://www.cepple.eu))

De Portugal estiveram presentes 7 delegados vindos das Igrejas Lusitana (Reverendos Barros Banza, Sérgio Alves e Elizabeth Sena), Metodista e Presbiteriana. O encontro contou com a presença de 50 delegados e membros dos órgãos diretivos da CEPPLE, começou com uma Conferência subordinada ao tema “Que futuro para as igrejas protestantes (igrejas históricas) dos países latinos da Europa?”.

A Assembleia geral, que ocorre de 4 em 4 anos, foi de eleições para os órgãos diretivos, tendo sido eleito o Reverendo Alfredo Abad, da Igreja Evangélica Espanhola, sucedendo à Pastora Anne Lauret, que esteve em Portugal no 94º Sínodo Diocesano, em que foi eleito o Bispo D. Jorge.

Os delegados de Portugal elegeram o Pastor João Pereira, da Igreja Presbiteriana, para integrar a Equipa de Continuação, em substituição da Pastora Eunice Alves, da Igreja Metodista. O evento para além de ter possibilitado o aprofundar de relações permitiu, ao nível dos delegados de Portugal a definição de estratégia para dinamização de eventos que visem promover o apoio e desenvolvimento das Escolas Dominicais das Igrejas do COPIC, na sequência de uma campanha internacional promovida pela CEPPLE, entre 2012 e 2013, de angariação de fundos para as Escolas Dominicais de Portugal e Espanha.



## 300 Jovens fazem de Coimbra a capital do ecumenismo jovem

Nem a chuva impediu que jovens de todo o país rumassem à cidade da cultura para a XVI edição do FEJ, organização conjunta dos Departamentos Juvenis das Igrejas Católica, Lusitana, Metodista e Presbiteriana, com o apoio do Secretariado da Pastoral Juvenil de Coimbra e dos Dehonianos.

‘Para tudo há um momento e um tempo’ (Ecl 3,1-8) foi o tema que reuniu cerca de 300 jovens no Seminário Dehoniano em Coimbra, a 15 de Novembro.

A manhã começou com um período de animação musical e uma apresentação sobre o que é o ecumenismo a que se seguiu a intervenção do Pe João Paulo Vaz, pároco e cantor que fez a abordagem bíblica do tema do FEJ, lembrando aos jovens que precisam de um referencial que una as experiências que se vivem hoje muito à pressa, pois ‘passamos pela vida como cão por vinha vindimada, vivemos com os outros em jeito de sms, não saboreamos a vida, não conseguimos falar em profundidade’. Deus usa o tempo amando. É preciso viver mais e melhor como cristão.

Dali, os jovens partiram para a reflexão em pequenos grupos, a que se seguiu o almoço partilhado, momento sempre muito fraterno, que permite conhecer mais pessoas, com tempo para conversar e estar.

A tarde começou com os dez workshops que permitiram refletir sobre a forma como vivemos o tempo: ‘tempo para ser filho – a redescoberta da dimensão batismal; tempo para cuidar – a experiência ecuménica em contexto hospitalar; tempo para crescer – a experiência universitária; tempo para orar – a experiência do ‘passo a rezar’; tempo para estar ligado – as novas tecnologias; tempo para dar e receber – o banco do tempo; tempo para a relação – amadurecer as relações, descobrir o outro; tempo para a escuta – tempo para a vida interior; tempo para a Missão – testemunho dos Jovens sem Fronteiras; tempo para ser – o que fazes do teu tempo?’

A celebração Final foi tempo de festa e de envio em Missão. Junto ao altar, estavam Bispos, Padres, Pastoras e Pastores a mostrar a diversidade que as Igrejas são.

A Igreja Lusitana fez-se representar por um grupo de aproximadamente 30 pessoas vindas dos Arciprestados Norte e Sul.

## Encontro Ecuménico no Porto

A Comissão Ecuménica do Porto, organizou um encontro no dia 10 de Outubro, na Casa Diocesana de Vilar que juntou membros das diversas Igrejas que a constituem. O evento permitiu também a apresentação e conhecimento do novo Bispo da Diocese do Porto D. António Francisco.

O momento devocional marcou o início com uma leitura da Epístola de S. Paulo aos Efésios 4, 4 “Vós formais um só corpo e um só espírito...” que abriu um tempo de reflexão e apresentação individual. Já à volta da mesa no jantar, a confraternização continuou, e, num bom espírito de companheirismo foram partilhadas algumas ideias que certamente permitirão avançar “juntos na missão e testemunho”.

A Igreja Lusitana está representada nesta Comissão, que reúne mensalmente, pelo Revº Sérgio Alves e pela Drª Brígida Arbiol.

Visite o site: [www.ecumenismoporto.org](http://www.ecumenismoporto.org)



# Dá-me de beber!

João 4,7

## Semana de Oração pela Unidade dos Cristãos 2015

De 18 a 25 de Janeiro de 2015 terá lugar o tradicional Oitavário de Oração pela unidade dos cristãos. Seguindo uma prática iniciada no ano de 1908 pelo Reverendo Anglicano Paul Wattson, as Igrejas e os cristãos em todo o mundo, irão orar juntos pela unidade visível da Igreja conforme o desejo expresso por Jesus Cristo no Evangelho de S. João 17,21.

O tema e o material de oração foram este ano preparados pelas Igrejas presentes no Conselho Nacional de Igrejas Cristãs do Brasil (CONIC). Este Conselho tem como missão trabalhar pela unidade das Igrejas cristãs, acompanhando a realidade brasileira e confrontando-a com o Evangelho e as exigências do Reino de Deus. No meio de crescente intolerância religiosa, o CONIC procura o diálogo entre as Igrejas e outras religiões como forma de reduzir o impacto do fundamentalismo religioso.

É neste contexto social e religioso que se insere a escolha do tema do oitavário sustentado no apelo feito por Jesus à mulher samaritana: «Dá-me de beber!» (João 4,7). Um apelo que quebra preconceitos religiosos e culturais, que abre ao diálogo na diversidade e que revela a importância do acolhimento e da partilha de dons como expressão da necessária complementaridade que deve existir, entre cristãos e Igrejas.

Como habitualmente, o material litúrgico editado, sem desvirtuar a proposta original, é adaptado para a realidade Portuguesa, num trabalho conjunto do Conselho Português de Igrejas Cristãs (COPIC) e da Comissão Episcopal da «Missão e Nova Evangelização» da Conferência Episcopal Portuguesa. O material está editado em livro que poderá ser solicitado às Igrejas. Cabe agora às diferentes Igrejas e comunidades, transpor este manancial litúrgico e bíblico, para a vida e necessidades concretas da sociedade portuguesa. Se o souberem fazer em conjunto, mais credível e transformador será o seu testemunho.

Em Portugal, prevê-se a realização de um conjunto diversificado de celebrações e encontros ao longo da semana de oração. A celebração a nível nacional que contará com a presença dos hierarcas das diferentes Igrejas, ocorrerá na Sé Católica da cidade de Setúbal, no dia 24 de Janeiro de 2015 pelas 16h00 e na cidade do Porto a celebração oficial terá lugar na Sé Catedral no dia 19 de Janeiro pelas 21h30m.

